

VULNERABILIDADE E *BULLYING* ESCOLAR: INTERFACES TEÓRICAS POSSÍVEIS

Marcela Almeida Zequinão

Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Wanderlei Oliveira

Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, São Paulo, Brasil

Pâmella Medeiros

Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Beatriz Pereira Oliveira

Universidade do Minho, Braga, Largo do Paço, Portugal

Fernando Luiz Cardoso

Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Resumo

O *bullying* escolar é um problema que afeta a saúde e o desenvolvimento de crianças e adolescentes. As aulas de Educação Física podem ser um momento em que esse tipo de situação se intensifica. Assim, o objetivo deste ensaio foi apresentar os significados conceituais de *bullying* e vulnerabilidade, bem como conhecer as conexões teóricas possíveis entre os conceitos e suas relações com as práticas corporais proporcionadas nas aulas de Educação Física. Apresenta-se um enfoque que permite repensar o *bullying* e as práticas de enfrentamento. Foi construído um modelo teórico dos fatores de vulnerabilidade associados ao *bullying* e são oferecidos *insights* para pensar programas *antibullying*, também explorados pensando o contexto das aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Vulnerabilidade social. *Bullying*. Educação Física.

Introdução

A problemática do *bullying* escolar se converteu em preocupação emergente para as áreas da psicologia, da educação e da saúde. É no contexto dessas áreas que as pesquisas têm se desenvolvido. Contudo, temas importantes para pensar estratégias de enfrentamento dentro de cada uma das áreas ou mesmo na interface entre elas ainda não são explorados no âmbito da produção científica. Nesse sentido, abordagens teóricas, fundamentadas em discussões epistemológicas e/ou didático-pedagógicas de conceitos complexos, aparentemente desconexos, propiciam a ampliação dos conhecimentos sobre o fenômeno que afeta a saúde, o desenvolvimento e o processo ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes em idade escolar.

Com o intuito de preencher esta lacuna apresentada na literatura, surge a proposta deste ensaio teórico. Assim sendo, este estudo objetiva discutir os significados conceituais de

bullying e vulnerabilidade (individual, social e programática), bem como conhecer as conexões teóricas possíveis entre os conceitos e suas relações com as práticas corporais proporcionadas nas aulas de Educação Física. Desta forma, pretende-se oferecer *insights* para a compreensão de um fenômeno social complexo (*bullying*) e como enfrentar essa questão em diferentes perspectivas. A novidade do estudo reside em três pontos: 1) o reconhecimento teórico da emergência e da complexidade do *bullying*; 2) a apresentação de discussões que podem diminuir lacunas nas pesquisas sobre o tema e na reflexão sobre práticas de enfrentamento baseadas no conhecimento científico já produzido e a partir de um modelo teórico consolidado (vulnerabilidade), e 3) a aplicabilidade dessas práticas de enfrentamento pelos agentes da Educação Física escolar.

O problema do *bullying*

O *bullying* é considerado um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, nas quais destacam-se relações de acentuado desequilíbrio de poder (OLWEUS, 2013). Atualmente, a repetitividade das agressões tem sido problematizada, uma vez que se considera uma situação de violência como suficiente para causar dor, angústia e terrível sofrimento às vítimas (OLWEUS, 2013). Além disso, outros fatores como as relações familiares (OLIVEIRA et al., 2015), os contextos e as questões sociais (FOREMAN, 2015) e aspectos do desenvolvimento moral (CARAVITA et al., 2012) têm sido incorporados à literatura para explicar o fenômeno.

A ocorrência do *bullying* escolar é considerada bastante comum entre crianças e adolescentes. Em um estudo realizado em 40 países para verificar a prevalência de *bullying*, identificou-se que, em média, 26% dos adolescentes estão envolvidos em situações de *bullying*, sendo 12,6% como vítimas, 10,7% como agressores e 3,6% como vítimas agressoras (CRAIG et al., 2009). No Brasil, dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, desenvolvida com 104.109 estudantes do 9º ano, indicam uma taxa de prevalência de 7,2% de vítimas de *bullying* e 21,8% de agressores na realidade nacional (DE OLIVEIRA et al., 2016).

Nesse cenário, em geral, as características individuais das vítimas são as mais utilizadas para justificar os episódios de violência. As pessoas com deficiência física e mental (CRUZ et al., 2007), com diferentes orientações sexuais e de gênero (MÉNDEZ; CETO, 2007; LEVASSEUR et al., 2013; PATRICK et al., 2013), com defeitos congênitos ou adquiridos (LOUIS et al., 2005), com sobrepeso (STRAUSS; POLLACK, 2003), e com atrasos motores (SCARPA et al., 2012) são as principais vítimas do *bullying*, pois são vistas como diferentes nos grupos de pares, tornando este um motivo para as agressões (OLIVEIRA et al., 2016). Verifica-se que tal perspectiva vem sendo adotada tanto pelas vítimas, num processo de internalização da culpa pelos atos de violência, quanto pelos agressores que, muitas vezes, atribuem às características singulares das primeiras a causa para o comportamento adotado (OLIVEIRA et al., 2016). Os observadores também tendem a diferenciar as vítimas a partir de alguma particularidade que pudesse ser nomeada como causa para o problema (OLIVEIRA et al., 2016).

Em termos de consequências do *bullying*, estudantes vítimas de violência na infância são mais vulneráveis a se tornarem agentes de violência no futuro (SENRA et al., 2011), além de serem mais associados a quadros de transtornos psicológicos e dificuldades de relacionamento. Aqueles que cometem agressões na infância ou adolescência, por sua vez, tendem a cometer mais atos de criminalidade e violência na idade adulta (BAUER et al., 2006). Além disso, o *bullying* é considerado um forte fator de interferência negativa, pois desorganiza as referências pessoais e institucionais, fazendo com que os indivíduos desacreditem no papel da escola como local de aprendizagem e segurança (LOURENÇO et al., 2009).

Na literatura científica tem se identificado uma crescente consciência sobre a gravidade do *bullying* e de suas consequências, ao mesmo tempo em que existe a divulgação de iniciativas de intervenção *antibullying* (SMITH et al., 2005). Em geral, essas intervenções são individualizadas e têm como alvo crianças ou adolescentes que tiveram participação como vítima ou agressor em situações de *bullying*. Tipicamente, essas intervenções buscam corrigir problemas de interação social, gestão de sentimentos e assertividade das vítimas (SMITH et al., 2003). Outras propostas, com a participação de diferentes estudantes (vítimas, agressores e observadores), objetivam formar grupos de apoio, escuta e mediação de conflitos para ajudar aqueles que estejam envolvidos nas situações de *bullying* (COWIE; OLAFSSON, 2000), sendo que, nesse último caso, os estudantes são colocados no centro das intervenções. Contudo, ainda se percebem lacunas, principalmente no Brasil, relacionadas à proposição de estratégias de intervenção que ultrapassem o campo individual e incluam outras variáveis na elaboração e na execução das ações.

Essa evidência torna-se ainda mais relevante tendo em vista que o *bullying* escolar não está restrito ao contexto da escola. Sabe-se que esse fenômeno mantém forte conexão com a dinâmica da sociedade, uma vez que está atrelado a fatores políticos, econômicos e culturais, não podendo ser dissociado do contexto social amplo, urbano, relacional e familiar no qual as crianças e adolescentes estão inseridos (SILVA e PEREIRA, 2008). Ademais, observa-se que os diferentes tipos de participação assumidos pelos estudantes nas situações de *bullying* têm raízes nos papéis sociais, nos modelos e nas experiências de resolução de conflitos, bem como nas questões de identidade e personalidade (LOPES NETO, 2005a; ALMEIDA et al., 2007).

O constructo vulnerabilidade

No campo científico, a partir da década de 1970, o conceito de vulnerabilidade tornou-se um constructo teórico, referindo-se aos riscos enfrentados pelas pessoas em diferentes situações nos planos individual, social e programático (SILVA; PEREIRA, 2008). As estruturas sociais ou condicionantes de vulnerabilidade são reconhecidas como determinantes no agravamento de situações e problemáticas da vida cotidiana em diferentes perspectivas, como saúde, educação e assistência social (Ayres et al., 2003). Assim sendo, a vulnerabilidade é hoje entendida como uma categoria política e social, produzida pela erosão dos sistemas de proteção social e dos direitos das pessoas, bem como pelas relações de poder (OVIDO; CZERESNIA, 2015). É uma variável que também faz refletir sobre a vulnerabilidade do ciclo vital, agregando conceitos como resiliência e interdependência, os quais auxiliam a pensar como as pessoas podem oferecer outras respostas para as situações que as afligem (OVIDO; CZERESNIA, 2015).

Notam-se múltiplos aspectos interligados ao conceito de vulnerabilidade que, num recrudescimento da questão, permite-se particularizá-lo em três planos: individual, social e programático. A vulnerabilidade individual se relaciona aos aspectos que dependem diretamente das ações individuais, do comportamento e das atitudes. A vulnerabilidade social se caracteriza pelo contexto econômico, político e social, que diz respeito à estrutura disponível de acesso a informações, financiamentos, serviços, bens culturais, liberdade de expressão. A vulnerabilidade programática, por sua vez, refere-se às ações comandadas pelo poder público, pela iniciativa privada e por agências da sociedade civil, que visam ao enfrentamento das situações que tornam vulneráveis pessoas, grupos e comunidades (AYRES et al., 2009; JESUS et al., 2011).

A abordagem da vulnerabilidade permite compreender os fenômenos incluindo no debate os processos sociais, culturais e individuais que conformam a suscetibilidade dos indivíduos a um determinado evento (RUOTTI et al., 2011). Esse aporte teórico e conceitual

resgata a complexidade dos processos saúde-doença-cuidado ao incorporarem os diferentes fatores envolvidos e as mútuas interferências concorrentes a um fenômeno em foco (AYRES et al., 2003). Trata-se de uma abordagem dos fenômenos sociais a partir de um prisma que permite oferecer respostas mais contextuais e pertinentes, pois eles não são concebidos como resultados apenas das ações individuais, mas também refletem os movimentos da sociedade e seus aspectos macropolíticos.

A partir dessa compreensão, percebe-se que o foco nessa perspectiva recai não apenas na exposição a uma determinada situação, mas na sensibilidade das pessoas diante dos fatos considerados problemáticos e na capacidade de adaptação, tanto no nível individual quando no que se refere às potencialidades de respostas da sociedade e da política. Em geral, as pessoas estão no centro das questões, pois sem elas não ocorreriam os fenômenos sociais e, ao mesmo tempo, também são implicadas na necessidade de se pensar estratégias de enfrentamento quando determinado fenômeno afeta negativamente a vida individual e coletiva.

Interfaces possíveis

A escola se converteu em um espaço privilegiado para a reprodução de violências e indisciplinas (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003; SILVA; PEREIRA, 2008; PINHEIRO et al., 2010). Nesse cenário, é comum perceber que a abordagem do *bullying* pode assumir um caráter que reforça a vulnerabilidade individual de crianças e adolescentes, sobretudo em relação às vítimas – culpadas pelas agressões por suas características pessoais. Assim, ao adotar a concepção de “vulnerabilidade” para abordar esse fenômeno, se sublinha a ênfase sobre a dimensão humana, não apenas problematizando as capacidades ou incapacidades para o enfrentamento de determinado grupo de estudantes, mas implicando diferentes níveis nessa perspectiva.

A literatura científica indica alguns fatores de vulnerabilidade que podem favorecer o envolvimento de estudantes no *bullying* escolar, como: escolas com excessivo número de alunos (CODO, 2006); desempenho escolar deficiente e altos índices de reprovação (HOLT et al., 2007; MATOS et al., 2009); consumo de tabaco e álcool (CARVALHOSA et al., 2001); fraca ligação com a escola (MATOS et al., 2009); locais inseguros e pouco supervisionados (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003); formação deficiente de professores e funcionários no que tange ao conteúdo ministrado e às habilidades em lidar com os alunos e a estrutura do próprio trabalho (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003; SCHERECK et al., 2003); falta de regras claras e consistentes (KHOURY-KASSABRI et al., 2004); alta rotatividade de professores (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003); violência fora da escola (CARVALHOSA et al., 2001); falta de limites e desarmonias dos lares (SANTOS, 2010); pobre envolvimento afetivo com os pais ou ausência de um dos pais ou de ambos (SANTOS, 2010; SENRA et al., 2011); baixa escolaridade dos pais (ANALITIS et al., 2009; PERREN et al., 2009); desemprego do pai e inatividade econômica da mãe (MAGKLARA et al., 2012); violência doméstica (BALDRY, 2003; SENRA et al., 2011); relações de desigualdade e baixo nível socioeconômico (WHITNEY e SMITH, 1993; SENRA et al., 2011).

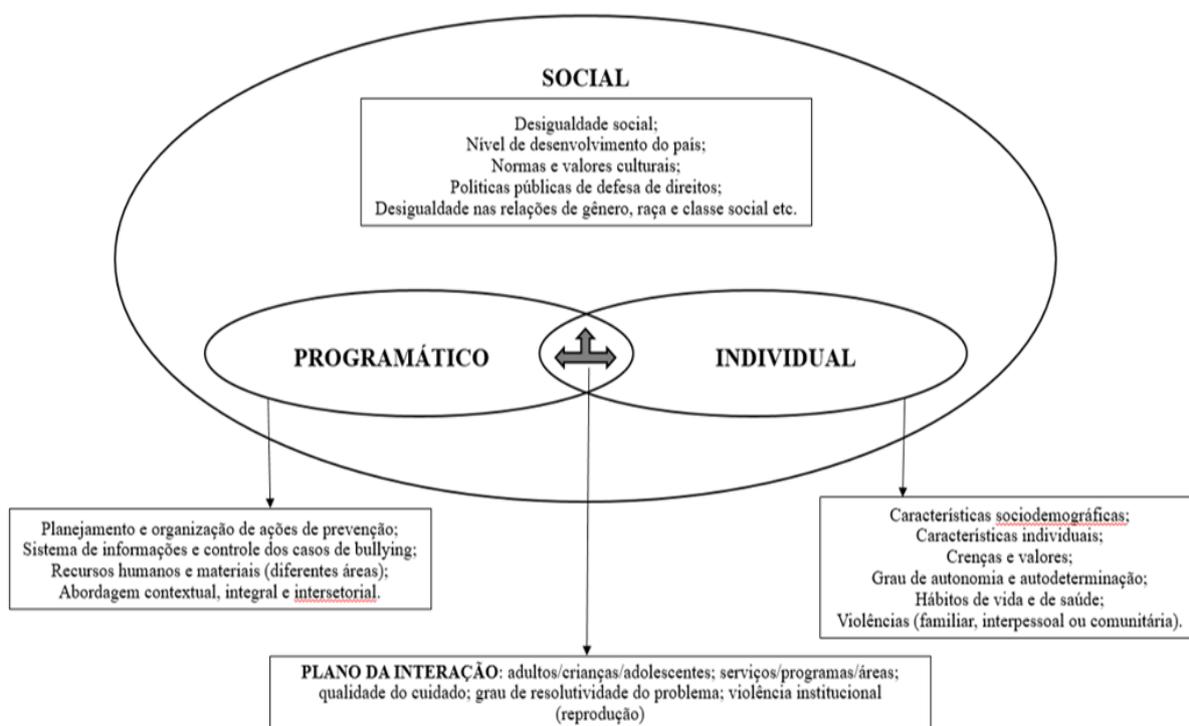
A violência na escola não pode ser dissociada da violência percebida no meio social amplo (SILVA; PEREIRA, 2009). Ao mesmo tempo, o envolvimento dos estudantes em situações de *bullying* pode se diferenciar de acordo com a experiência, os papéis sociais e as práticas modeladas pela cultura (PEREIRA et al., 2004; LOPES NETO, 2005b; ALMEIDA et al., 2007). Fato do qual depende a compreensão de que a exposição à alta vulnerabilidade pode tornar crianças e adolescentes mais suscetíveis ao envolvimento no fenômeno (WHITNEY; SMITH, 1993). Por outro lado, muitas vezes os próprios estudantes expostos ao *bullying* de forma intensa e frequente apresentam uma alteração da percepção sobre violência

interpessoal, descrevendo esse tipo de comportamento como aceitável ou normal (OLIVEIRA et al., 2016).

Sumariamente, dessa forma, a abordagem específica sobre a interface entre a vulnerabilidade e o *bullying* foi selecionada por uma preocupação com a construção de recomendações e conclusões sólidas para o enfrentamento do fenômeno. O ponto crítico da problemática parece ser, exatamente, a necessidade por compreensões mais amplas, capazes de incluir outras variáveis no debate do tema. Assim sendo, não são apenas consideradas iniciativas para favorecer a adaptação de crianças e adolescentes nos grupos de pares, mas também incluir no debate as variáveis macroestruturais e seu papel determinante no cotidiano dos estudantes nas escolas.

Assim sendo, na Figura 1, foram sintetizadas as interfaces possíveis para a compreensão do *bullying* dentro da lógica da vulnerabilidade.

Figura 1 – Modelo teórico dos fatores de vulnerabilidade associados ao *bullying*



Fonte: Elaborada pelos autores (2016).

***Bullying*, vulnerabilidade e práticas corporais**

A experiência social vivenciada na escola contribui para diferentes trajetórias de desenvolvimento da identidade de crianças e adolescentes, tendo forte impacto sobre suas vidas no futuro. Para as crianças, as comparações sociais, a avaliação do desempenho dos colegas e a avaliação que recebem dos outros influenciam de maneira significativa no desenvolvimento do senso de autoeficácia, o qual pode ser responsável pela promoção da satisfação e pela sustentação de relacionamentos sociais positivos (BANDURA, 1989; MEDEIROS et al., 2000). De acordo com a literatura, o desempenho motor influencia o modo como as crianças se percebem e percebem seus pares, tornando essa uma variável importante para a percepção e os sentimentos que os indivíduos têm de si (PALMA et al., 2012).

Sabe-se que o *bullying* muitas vezes ocorre em um contexto em que o aluno pratica atividade física, seja no recreio, seja nas aulas de Educação Física (BOTELHO; SOUZA, 2007; ROMAN; TAYLOR, 2013). Já crianças e adolescentes que apresentam movimentos precisos, adequados e maiores probabilidades de sucesso no desempenho de suas tarefas motoras tendem a causar efeitos positivos nos relacionamentos intra e interpessoal (EMCK et al., 2009).

Assim sendo, de modo geral, as vivências experimentadas pelas práticas corporais em grupo possibilitam uma intensa interação social, com situações em equipe e colaboração coletiva. No entanto, elas têm sido apresentadas na literatura como momentos problemáticos no que diz respeito ao *bullying* escolar. Isso se dá principalmente pelo fato de que alunos com menos habilidades e pior desempenho motor estão em situação de maior vulnerabilidade perante os agressores (SCARPA et al., 2012), sofrendo intimidações, agressões, exclusões dos jogos e brincadeiras, bem como comentários maldosos a respeito da sua coordenação e do seu desempenho nas atividades (BOMFIM, D. et al., 2012; BOMFIM, et al., 2012). Com isso, evitam situações que demonstram qualquer proficiência motora abaixo da média, retirando-se de brincadeiras, o que pode causar efeitos relativamente duradouros, não apenas pelo prejuízo no desenvolvimento motor, mas também pelo prejuízo nas relações pessoais (HARTER, 1988). Em contrapartida, o sucesso nas atividades físicas e o envolvimento nos esportes em idade escolar são responsáveis pelo aumento da popularidade, bem como restringem as possibilidades de serem intimidados pelos pares na escola (CHASE et al., 1992; SWEETING; WEST, 2001; PEGUERO, 2008).

Essas características de vítimas e agressores evidenciadas pelas práticas corporais de crianças e adolescentes nas aulas de Educação Física ressaltam mais uma vez o desequilíbrio de poder entre os papéis assumidos perante o *bullying* escolar, acentuando a vulnerabilidade da vítima. Assim, a percepção unidirecional de que as práticas corporais aumentam a autoestima dos indivíduos, logo o bem-estar social, precisa ser repensada, tendo em vista que por vezes as práticas corporais, sem uma *práxis* adequada, podem acabar por estimular a perpetração do comportamento violento.

Do conhecimento desvelado para práticas possíveis

O conhecimento produzido sobre o *bullying* ainda não permitiu o discernimento sobre a eficácia de programas *antibullying* em diferentes contextos (SMITH et al., 2005). Os dados sobre os programas executados em diferentes países ainda são inconclusos, mesmo já havendo relatos de sucesso e diminuição de taxas de prevalência em algumas realidades e melhora do clima escolar (SALMIVALLI et al., 2013). Essa realidade do conhecimento dificulta os esforços das escolas e de seus profissionais para responderem, de forma baseada em evidências, à problemática. Além disso, existe uma necessidade premente de compreensão ampliada da questão para se pensar estratégias de intervenção contextuais e coerentes com as diferentes realidades sociais e culturais. É nesse sentido que a abordagem da vulnerabilidade é positiva, pois, além de permitir explorar as relações entre diferentes aspectos e o fenômeno social em estudo, ela oferece um modelo que permite implementar as ações e avaliar o impacto dentro de múltiplas dimensões.

Nessa perspectiva, esse estudo oferece alguns *insights* sobre como enfrentar o *bullying*, considerando o referencial da vulnerabilidade. Para tanto, um dos primeiros passos para se pensar práticas possíveis é considerar as metas a serem alcançadas em cada um dos planos de intervenção. Ao fazer isso, pode-se mapear e identificar iniciativas já desenvolvidas em algum dos campos do referencial adotado e outras que podem ser otimizadas de forma particular em cada escola ou comunidade. Neste estudo, foram propostas quatro metas e as perspectivas que podem ser adotadas e relacionadas ao referencial da vulnerabilidade (Quadro

1).

Quadro 1 – Metas e perspectivas *antibullying* construídas a partir dos fatores de vulnerabilidade associados ao *bullying*

Metas propostas	Perspectivas <i>antibullying</i>
Reduzir as taxas de ocorrência do <i>bullying</i> nas escolas.	Programático
	Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (<i>Bullying</i>). Programas que incentivam ações de prevenção nas escolas (ex: Programa Saúde na Escola – PSE)
	Social
	Diminuição da desigualdade social (ex: programas de redistribuição de renda), disseminação de valores humanos e respeito ao direito à diferença (raça, sexual, cuidado de si e com o corpo) e à expressão das singularidades no coletivo.
Aumentar a compreensão de professores e profissionais da educação sobre a gravidade do <i>bullying</i> .	Individual
	Construção de estratégias para auxiliar vítimas a terem habilidades para lidar com as situações de violência e conflito. Sensibilizar agressores e observadores sobre os significados de seus comportamentos para o outro e o nível de sofrimento que essas situações podem produzir nas vítimas.
	Programático
	Criação de recursos formativos para que os professores se sintam preparados para lidar com a problemática.
Aumentar a compreensão dos estudantes sobre a gravidade do <i>bullying</i> .	Social
	Incluir nas aulas de diferentes matérias abordagens do <i>bullying</i> como uma realidade transversal. Algumas indicações: 1) nas aulas de matemática – o tema pode ser explorado dentro das lógicas aritméticas sobre somar as diferenças de cada um no grupo, para ampliar a experiência social e diminuir a intolerância; 2) nas aulas de português – incentivar produções artísticas e de texto sobre como se vivenciam diferentes tipos de violência e estimular a busca por estratégias de enfrentamento que emergem dos próprios alunos.
	Individual
	Propõe-se que os professores e demais profissionais da educação busquem referenciais cientificamente consolidados na área do <i>bullying</i> escolar, com o intuito de encontrar melhores soluções para lidar com a questão em sala de aula ou nos intervalos. Os professores devem encarar o <i>bullying</i> como uma violência e não negligenciar ou minimizar suas formas mais veladas de manifestação (ex: apelidos, fofocas).
Aumentar a compreensão dos estudantes sobre a gravidade do <i>bullying</i> .	Programático
	Inserir o <i>bullying</i> nos currículos e nas propostas pedagógicas não apenas como tema a ser trabalhado em sala de aula, mas oferecer materiais que permitam aos professores desenvolverem ações baseadas em metodologias ativas para incluir os estudantes na construção da

	<p>abordagem do tema (implicação coletiva e dos próprios protagonistas das situações de <i>bullying</i>).</p> <p style="text-align: center;">Social</p> <p>Favorecer a identificação de conexões entre a violência vivida na escola e aquela experimentada no contexto comunitário. Desmistificar a violência como um recurso válido para resolver conflitos e oferecer outras opções como as estratégias de mediação de conflitos ou construção de consensos.</p> <p style="text-align: center;">Individual</p> <p>Investigar o que os estudantes sabem e como compreendem o <i>bullying</i>. Vocalizar o saber dos estudantes sobre o fenômeno, para não basear as ações apenas a partir do saber dos especialistas.</p>
Estimular ações de enfrentamento do <i>bullying</i> a partir das práticas corporais no contexto da Educação Física escolar.	Programático
	<p>Iniciativas de formação e fornecimento de material para que os professores de Educação Física sejam capazes de incluir o <i>bullying</i> como tema transversal em suas aulas, refletindo sobre manifestações agressivas e impulsivas, eliciadas pelas práticas corporais, como forma de desenvolver a percepção de si e do outro. Construir parcerias com equipes de saúde e universidade que possam auxiliar no debate sobre a importância da atividade física como ferramenta para a inclusão, elevação da autoestima e melhora nas habilidades sociais.</p>
	Social
	<p>Formulação de campanhas que estimulem as práticas corporais com objetivos lúdicos, inclusivos e cooperativos, que são capazes de desenvolver nas crianças a percepção da importância do outro para a conquista do grupo, bem como possibilitam a maior convivência com as diferenças.</p> <p style="text-align: center;">Individual</p> <p>Monitorar a ocorrência de diferentes situações de <i>bullying</i> durante as aulas de Educação Física e nos espaços destinados a elas. Avaliar a condição física e motora dos estudantes, orientando-os adequadamente para o pleno desenvolvimento de suas capacidades. Oferecer aos estudantes atividades que lhes permitam entrar em “estado de jogo” (ensaio da realidade no plano lúdico), tendo os professores de Educação Física como líderes desse processo na escola. Identificar os envolvidos no <i>bullying</i> escolar e direcionar as aulas de Educação Física para uma maior inclusão das vítimas nas brincadeiras e jogos, contribuindo para a melhora do desempenho motor e, conseqüentemente, das habilidades sociais, fazendo com que sejam mais aceitos pelos pares, diminuindo, assim, as situações de vitimização. Da mesma forma, deve-se evitar o reforço extremado ao melhor desempenho motor dos agressores em detrimento dos alunos menos habilidosos.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

A utilização do modelo da vulnerabilidade para a proposição de práticas possíveis de

enfrentamento do *bullying* pode parecer uma perspectiva genérica. Contudo, as metas e as perspectivas são compostas por componentes importantes na consideração da problemática e podem servir ainda como um guia conceitual para a pesquisa científica. Da mesma forma, observa-se que, tendo sido lançadas as metas, há que se considerar os recursos (humanos, econômicos e materiais) que devem ser investidos e disponibilizados em diferentes instâncias. Em determinados momentos são necessários recursos orçamentários, em outros, são exigidas legislações específicas e, em outra direção, são necessários desejos internos dos indivíduos para enfrentar o *bullying*.

Outro ponto em destaque se refere às aulas de Educação Física e à atuação do professor desta disciplina. A necessidade de uma reflexão nesta perspectiva se deve pelo reconhecimento de que, nesse momento, os estudantes experimentam diversos tipos de interações, em que, muitas vezes, apresentam uma menor supervisão e um consequente incremento das situações de *bullying*. Entretanto, a aula de Educação Física é reconhecida como uma ferramenta importante para incentivar práticas e hábitos de vida saudáveis, incluindo atividades que favoreçam a inclusão de todos os estudantes, considerando o nível de desempenho individual de cada aluno e a disponibilidade interna para a execução de determinada atividade.

Assim, o professor de Educação Física é mais um componente no ambiente escolar que pode identificar situações-problema nas aulas e auxiliar os estudantes na resolução dos conflitos por vias que privilegiem a mediação e o não estabelecimento da violência, pois as atividades desenvolvidas nessa disciplina podem influenciar os comportamentos positivos das crianças em relação aos pares. Essa perspectiva também é essencial ao se considerar que os estudantes podem utilizar os comportamentos agressivos como uma maneira de interação social, confundida muitas vezes como “brincadeiras” ou “jogos” próprios da idade.

Considerações finais

Este ensaio apresentou as definições teóricas de *bullying* escolar e vulnerabilidade. Revelou-se uma ampla gama de fatores que influenciam os níveis de vulnerabilidade de crianças e adolescentes em relação ao *bullying*, inclusive nas aulas de Educação Física. Demonstrou-se, ainda, que existem interfaces entre esses conceitos e que a abordagem da vulnerabilidade permite que sejam pensadas ou operacionalizadas intervenções mais eficazes e pertinentes aos diferentes contextos sociais e comunitários de cada escola.

Entre as contribuições distintas deste estudo se destacam: 1) a construção de um modelo teórico para a compreensão do *bullying*, e 2) a robustez das conclusões que permitiram o fornecimento de recomendações para a ação imediata de combate ao *bullying* em diferentes faces diante do problema. Também destacaram-se quatro medidas, de grande relevância, que podem ser adotadas para diminuir os níveis de vulnerabilidade de crianças e adolescentes em relação ao *bullying* nas aulas de Educação Física: 1) incentivo de ações em parceria com equipes da escola e da área da saúde; 2) maior supervisão dos professores durante as aulas de Educação Física; 3) estímulo das práticas corporais não apenas com o intuito de melhorar o repertório motor dos participantes, mas também como ferramenta de desenvolvimento social; e 4) uso de jogos e atividade lúdicas cooperativas quando houver a identificação de uma situação deflagrada de violência entre os estudantes.

Salienta-se, contudo, que este estudo deve ser considerado a partir de suas duas principais limitações. Em primeiro lugar, trata-se de um ensaio teórico que privilegiou um modelo (vulnerabilidade) para compreender um fenômeno social. Seria ingênuo argumentar que o quadro revelado deve se tornar o discurso dominante, mesmo oferecendo elementos importantes para pensar a questão. Em segundo lugar, a ausência de dados empíricos limita o alcance das interpretações realizadas. Outros estudos, com diferentes delineamentos, podem

testar o modelo de vulnerabilidade proposto para o *bullying*, buscando apresentar nexos causais ou mesmo modelos explicativos para o fenômeno. Além disso, são estimulados estudos que testem as propostas de intervenção indicadas a partir da literatura científica. Tais medidas podem aumentar o conhecimento científico sobre o *bullying* e oferecer modelos de intervenção pertinentes, principalmente às aulas de Educação Física.

VULNERABILITY AND SCHOOL BULLYING: POSSIBLE THEORETICAL INTERFACES

Abstract

School bullying is a problem that affects the health and development of children and adolescents. Physical Education classes can be a time when this kind of situation intensifies. Therefore, the aim of this study was to show the conceptual meanings of bullying and vulnerability, as well as understand possible theoretical connections between the concepts and their relationship to bodily practices offered in Physical Education classes. It presents a diverse focus on bullying approach, in a design that allows you to think its concept and coping practices. It was built a theoretical model of vulnerability factors associated with bullying and are offered insights to think about programs against bullying, and they also were explored, thinking the context of Physical Education.

Keywords: Social vulnerability. Bullying. Physical Education.

LA VULNERABILIDAD Y LA INTIMIDACIÓN ESCOLAR: POSIBLES INTERFACES TEÓRICAS

Resumen

La intimidación escolar es un problema que afecta la salud y el desarrollo de los niños y adolescentes. Las clases de Educación Física pueden ser un momento en el que ese tipo de situación se intensifica. De esa forma, el objetivo de este estudio fue presentar los significados conceptuales de la intimidación y la vulnerabilidad, así como conocer las posibles conexiones teóricas entre esos conceptos y sus relaciones con las prácticas corporales en clases de Educación Física. Se presenta un enfoque que permite repensar la intimidación y las prácticas de enfrentamiento. Se construyó un modelo teórico de los factores de la vulnerabilidad asociados con la intimidación y se ofrecen perspectivas para pensar programas anti-intimidación, examinados dentro de la perspectiva del contexto de las clases de Educación Física.

Palabras clave: Vulnerabilidad social. Intimidación. Educación Física.

Referências

ALMEIDA, A.; LISBOA, C.; CAURCEL, M. ¿Por qué ocurren los malos tratos entre iguales? Explicaciones causales de adolescentes portugueses y brasileños. *Revista Interamericana de Psicología*, v. 41, n. 2, p. 107-118, 2007.

ANALITIS, F. et al. European Kidscreen Group: Being bullied: associated factors in children and adolescents 8-18 years old in 11 European countries. *Pediatrics*, v. 123, p. 569-77, 2009.

AYRES, J. D. C. et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. (Ed.). Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 117-39.

AYRES, J. R. D. C. M. et al. Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. In: CAMPOS, G. W. S. (Ed.). Tratado de saúde coletiva. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro:Fiocruz, 2009. p. 375-418.

BALDRY, A. C. Bullying in schools and exposure to domestic violence. *Child Abuse & Negl.*, v. 27, n. 7, p. 713-32, 2003.

BANDURA, A. Human agency in social cognitive theory. *Am Psychol*, v. 44, n. 9, p. 1175-84, Sep. 1989. Disponível em: < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/2782727> >. Acesso em: dia mês ano.

BAUER, N. S. et al. Childhood bullying involvement and exposure to intimate partner violence. *Pediatrics*, v. 118, n. 2, p. 235-42, Aug 2006. Disponível em: < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16882768> >. Acesso em: dia mês ano.

BOMFIM, D. et al. Ocorrência de bullying nas aulas de Educação Física em uma escola do Distrito Federal. *Pensar a Prática*, v. 15, n. 2, 2012.

BOTELHO, R.; SOUZA, J. Bullying e Educação Física na escola: Características, casos, consequências e estratégias de prevenção. *Revista da Educação Física*, v. 139, 2007.

CARAVITA, S. C. S.; GINI, G.; POZZOLI, T. Main and Moderated Effects of Moral Cognition and Status on Bullying and Defending. *Aggressive Behavior*, v. 38, n. 6, p. 456-468, 2012. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1002/ab.21447> >. Acesso em: dia mês ano.

CARVALHOSA, S. D.; LIMA, L.; MATOS, M. D. Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, v. 4, n. 19, p. 523-37, 2001.

CHASE, M. et al. The role of sports as a social status determinant for children. . *Research Quarterly for Exercise and Sport*, v. 63, p. 418–24, 1992.

CODO, W. *Revista Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2006.

COWIE, H.; OLAFSSON, R. The role of peer support in helping the victims of bullying in a school with high levels of aggression. *School Psychology Internation*, v. 21, p. 79-95, 2000.

CRAIG, W. et al. A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. *Int. J. Public Health*, v. 54 Suppl 2, p. 216-24, 2009. Disponível em: < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19623475> >. Acesso em: dia mês ano.

CRUZ, D. D.; SILVA, J.; ALVES, H. Evidências sobre violência e deficiência: implicações para futuras pesquisas. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, v. 13, n. 1, p. 131-46, 2007.

DE OLIVEIRA, W. A. et al. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. *Jornal de Pediatria*, v. 92, n. 1, p.

32-39, 1// 2016. Disponível em: < <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0021755715000972>>. Acesso em: 2016/2//.

EMCK, C. et al. Gross motor performance and self-perceived motor competence in children with emotional, behavioural, and pervasive developmental disorders: a review. *Developmental Medicine and Child Neurology*, Oxford, v. 5, n. 7, p. 501-17, 2009.

FOREMAN, V. Constructing the victim in the bullying narrative: how bullying discourses affirm rather than challenge discriminatory notions of gender and sexuality. *Crime Media Culture*, v. 11, n. 2, p. 157-176, Aug. 2015. Disponível em: < <Go to ISI>://WOS:000358521700004 >. Acesso em: dia mês ano.

HARTER, S. Developmental processes in the construction of self. In: YAWKEY, T.; JOHNSON, J. (Ed.). *Integrative process and socialization: early to middle childhood*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1988. p. 45-78.

HOLT, M. K.; FINKELHOR, D.; KANTOR, G. K. Multiple victimization experiences of urban elementary school students: associations with psychosocial functioning and academic performance. *Child Abuse & Negl*, v. 31, n. 5, p. 503-15, 2007.

JESUS, F. B. et al. Vulnerabilidade na adolescência: a experiência e expressão do adolescente. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 32, n. 2, p. 359-367, 2011.

KHOURY-KASSABRI, M. et al. The contributions of community, family, and school variables to student victimization. *Am. J. Community Psychol.*, v. 34, n. 3-4, p. 187-204, Dec. 2004. Disponível em: < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15663206> >. Acesso em: dia mês ano.

LEVASSEUR, M. T.; KELVIN, E. A.; GROSSKOPF, N. A. Intersecting identities and the association between bullying and suicide attempt among new york city youths: results from the 2009 New York city youth risk behavior survey. *Am J Public Health*, v. 103, n. 6, p. 1082-9, Jun. 2013. Disponível em: < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23597376> >. Acesso em: dia mês ano.

LOPES NETO, A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *J. Pediatr. (Rio J.)*, v. 81, n. 5, p. 164-72, 2005a.

_____. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *J. Pediatr. (Rio J.)*, v. 81, n. 5, p. 164- 172, 2005b.

_____. ; SAAVEDRA, L. *Diga não ao bullying*. Rio de Janeiro: ABRÁPIA, 2003.

LOUIS, K. et al. Experiência e relato pessoal sobre pesquisa de cooperação internacional – Brasil, Bulgária e Turquia – que avalia as atitudes em relação à gagueira. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, v. 17, n. 3, p. 413-16, 2005.

LOURENÇO, L. et al. A gestão educacional e o bullying: um estudo em escolas portuguesas. *Interações*, n. 13, p. 208-228, 2009.

MAGKLARA, K. et al. Bullying behaviour in schools, socioeconomic position and psychiatric morbidity: a cross-sectional study in late adolescents in Greece. *Child Adolesc Psychiatry Ment Health*, v. 6, p. 8, 2012. Disponível em: < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22325708> >. Acesso em: dia mês ano.

MATOS, M. et al. *Violência, bullying e delinquência*. 1. ed. Lisboa: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos Ltda, 2009.

MEDEIROS, P. et al. A Autoeficácia e os aspectos comportamentais de crianças com dificuldade de aprendizagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 13, n. 3, p. 327-336, 2000.

MÉNDEZ, R.; CETO, E. *Herramientas para combatir el bullying homofóbico*. Madrid: Editorial Talasa, 2007.

OLIVEIRA, W. A. et al. Experiences and perceptions of discrimination re-lated to bullying among Brazilian students. *Maltrattamento e abuso all'infanzia*, v. 18, n. 1, p. 13-38, 2016.

OLIVEIRA, W. A. D. et al. Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática. *Psico-USF*, v. 20, p. 121-132, 2015.

OLWEUS, D. School Bullying: Development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, v. 9, n. 1, p. 751-780, 2013/09/22 2013. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516> >. Acesso em: dia mês ano.

OVIEDO, R. A. M.; CZERESNIA, D. O. O conceito de vulnerabilidade e seu caráter biossocial. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, n. 237-50, 2015.

PALMA, M.; CAMARGO, V.; PONTES, M. Efeitos da atividade física sistemática sobre o desempenho motor de crianças pré-escolares. *Revista de Educação Física / UEM*, v. 23, n. 3, p. 421-29, 2012.

PATRICK, D. L. et al. Bullying and quality of life in youths perceived as gay, lesbian, or bisexual in washington state, 2010. *Am J Public Health*, v. 103, n. 7, p. 1255-61, Jul 2013. Disponível em: < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23678925> >. Acesso em: dia mês ano.

PEGUERO, A. Bullying victimization and extracurricular activity. *Journal of School Violence*, v. 7, n. 3, p. 71-85, 2008.

PEREIRA, B. et al. Bullying in portuguese schools. *School Psychology International*, v. 25, n. 2, p. 207-22, 2004.

PERREN, S.; STADELMANN, S.; KLITZING, K. Child and family characteristics as risk factors for peer victimization in kindergarten. *Schweizerische Zeitschrift für Bildungswissenschaften*, v. 31, n. 1, p. 13-32, 2009.

PINHEIRO, F.; STELKO-PEREIRA, A.; WILLIAMS, L. D. A. Bullying escolar: caracterização dos alunos envolvidos, responsabilidade dos educadores e possibilidades de

redução do problema. In: PARANÁ, G. D. E. D. ;EDUCAÇÃO, S. D. E. D. (Ed.). Enfrentamento à violência na escola. Curitiba: SEED, 2010. p.77-88.

ROMAN, C. G.; TAYLOR, C. J. A multilevel assessment of school climate, bullying victimization, and physical activity. *J. Sch. Health*, v. 83, n. 6, p. 400-7, Jun 2013. Disponível em: < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23586884> >. Acesso em: dia mês ano.

RUOTTI, C.; MASSA, V. C.; PERES, M. F. T. Vulnerabilidade e violência: uma nova concepção de risco para o estudo dos homicídios de jovens. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 15, p. 377-389, 2011.

SALMIVALLI, C. et al. The implementation and effectiveness of the KiVa Antibullying Program in Finland. *European Psychologist*, v. 18, n. 2, p. 79-88, 2013. Disponível em: < <Go to ISI>://WOS:000320374000002 >. Acesso em: dia mês ano.

SANTOS, M. D. O impacto do bullying na escola. 2010. XX f (FALTA INDICAR O NÚMERO DE FOLHAS DA DISSERTAÇÃO) Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SCARPA, S. et al. Peer-victimization during physical education and enjoyment of physical activity. *Percept Mot Skills*, v. 115, n. 1, p. 319-24, Aug. 2012. Disponível em: < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23033766> >. Acesso em: dia mês ano.

SCHERECK, C.; MILLER, J.; GIBSON, C. Trouble in the school yard: a study of the risk factors of victimization at school. *Crime & delinquency*, v. 49, n. 3, p. 460-484, 2003.

SENRA, L.; LOURENÇO, L.; PEREIRA, B. Características da relação entre violência doméstica e bullying: revisão sistemática da literatura. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 4, n. 2, p. 297-309, 2011.

SILVA, M.; PEREIRA, B. A violência como fator de vulnerabilidade na ótica de adolescentes escolares. In: BONITO, J. (Coord.). Educação para a saúde no século XXI: teorias, modelos e práticas. 1. ed. Portugal: Centro de Investigação em Educação e Psicologia 2008.

_____. A violência como factor de vulnerabilidade segundo os adolescentes: estudo em contexto escolar. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, v. 43, p. 125-140, 2009.

SMITH, J. D.; COUSINS, J. B.; STEWART, R. Antibullying Interventions in Schools: Ingredients of Effective Programs. *Canadian Journal of Education*, v. 28, n. 4, p. 739-762, 2005.

SMITH, P. K.; ANANIADOU, K.; COWIE, H. Interventions to reduce school bullying. *Can. J. Psychiatry*, v. 48, n. 9, p. 591-599, 2003.

STRAUSS, R.; POLLACK, H. Social marginalization of overweight children. *Arch. Pediatr. Adolesc. Med.*, v. 157, p. 746-75, 2003.

SWEETING, H.; WEST, P. Being different: correlates of the experiences of teasing and bullying at age 11. *Research Papers in Education*, v. 16, p. 225-46, 2001.

WHITNEY, I.; SMITH, P. A survey of the nature and extent of bullying in junior/middle and secondary schools. *Educational Research*, v. 35, p. 3-25, 1993.

.....

Recebido em: 22/06/2016

Revisado em: 16/10/2016

Aprovado em: 08/06/2017

Endereço para correspondência:

pamellamedeiros@hotmail.com

Pâmella Medeiros

Universidade do Estado de Santa Catarina

Av. Madre Benvenuta, 2007

Itacorubi, Florianópolis / SC

CEP: 88.035-901